



MASCULINIDADE NOCIVA

**Reconhecer padrões.
Questionar privilégios.
Transformar práticas profissionais.**

Não basta atender às consequências.
É preciso reconhecer como padrões masculinos de dominação atravessam relações, serviços e instituições.



NÃO É NATURAL. É SOCIAL.

Aquilo que é aprendido também pode ser transformado.

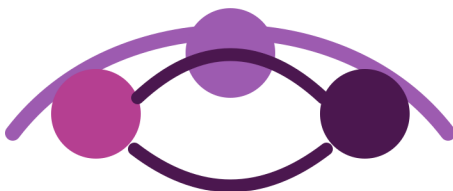
A masculinidade nociva não significa que homens sejam naturalmente violentos. Refere-se a padrões sociais que associam “ser homem” ao controle, à dominação, à força e à negação das emoções.

Quando esse padrão se repete...

- limita afetos e formas plurais de existir;
- naturaliza privilégios e desigualdades;
- transforma cuidado em “fraqueza”;
- pode sustentar controle, coerção e violências.

Atenção ao termo

“Nociva” qualifica os padrões — não condena identidades. Homens também são afetados por uma socialização que pune vulnerabilidade, cuidado e pedido de ajuda.



QUESTIONAR PADRÕES É ABRIR POSSIBILIDADES.



NOSSA INTERVENÇÃO
também pode transformar masculinidades.

COMPROMISSO DA CATEGORIA

O enfrentamento à masculinidade nociva exige mais do que respostas individuais. Requer leitura crítica das relações de poder, atuação articulada e defesa intransigente dos direitos humanos.

PERGUNTAS PARA O COTIDIANO

- Minha intervenção questiona ou reforça papéis tradicionais de gênero?
- A instituição responsabiliza mulheres pelo cuidado e desculpabiliza homens?
- Criamos espaços para trabalhar responsabilização, cuidado e novas formas de convivência?
- Raça, classe e diversidade orientam nossa análise e respostas profissionais?

PARA ESTUDAR E DEBATER

Código de Ética do/a Assistente Social • Lei Maria da Penha • Parâmetros do CRESS para atuação no enfrentamento à violência contra as mulheres.



COMO SE EXPRESSA?

Observe práticas — inclusive as que parecem “normais”.

1

Controle e posse

Vigiar celular, roupas, amizades, dinheiro e deslocamentos; confundir ciúme com amor.

2

Desqualificação

Interromper, ridicularizar, sexualizar ou negar competência e autonomia de mulheres.

3

Poder sem cuidado

Transferir trabalho doméstico, cuidado e carga mental; exercer paternidade como autoridade.

4

Silêncio emocional

Reprimir medo e tristeza; converter sofrimento em isolamento, risco, hostilidade ou agressividade.

5

Cumplicidade entre pares

Rir de piadas sexistas, minimizar violências ou proteger autores de violência doméstica.

POR QUE IMPORTA AO SERVIÇO SOCIAL?

Esses padrões atravessam famílias, instituições, políticas públicas e relações de trabalho. Podem aparecer como demandas “privadas”, mas expressam relações sociais históricas e desiguais de poder.

Na escuta e na análise, atenção para:

- ✓ responsabilização das mulheres pelo cuidado, pela “harmonia” familiar ou pela violência sofrida;
- ✓ invisibilização do controle econômico, moral, psicológico, sexual e patrimonial;
- ✓ uso das/os filhas/os e das instituições para vigiar, punir ou prolongar o controle;
- ✓ discursos que confundem autoridade e proteção com posse e obediência;
- ✓ respostas moralizantes, racistas, homotransfóbicas ou culpabilizadoras.

Cuidado técnico e ético

Não patologizar, não generalizar e não mediar situações de violência como se fossem apenas “conflitos do casal”.

O QUE PODEMOS FAZER?

ESCUTAR E ACOLHER

Garantir escuta qualificada, sigilo, não julgamento e avaliação contínua de riscos e proteção.

NOMEAR E PROBLEMATIZAR

Questionar privilégios, divisão sexual do trabalho, racismo, homotransfobia e naturalização das violências. Não tratar desigualdade como “escolha individual”.

RESPONSABILIZAR SEM ESTIGMATIZAR

Trabalhar com autores de violência doméstica sem justificar condutas, deslocar a culpa ou expor mulheres e crianças a revitimização.

ARTICULAR A REDE

Construir fluxos com saúde, assistência social, educação, justiça e segurança, respeitando atribuições e evitando encaminhamentos meramente burocráticos.

EDUCAR PARA A EQUIDADE

Fomentar grupos, campanhas e educação permanente sobre consentimento, cuidado, corresponsabilidade, paternidades presentes e resolução não violenta.

OUTRAS MASCULINIDADES

são possíveis — com afeto, cuidado, diálogo, consentimento, corresponsabilidade e respeito.

TRANSFORMAR É UMA RESPONSABILIDADE COLETIVA.